

DVD  
Material  
Educativo  
para  
Professor  
Propositor

O LIRISMO DE  
RENINA KATZ



DVDteca

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

**INSTITUTO ARTE NA ESCOLA**

O lirismo de Renina Katz / Instituto Arte na Escola ; autoria de Lucimar Bello Pereira Frange ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.  
(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 92)

Foco: Mt-2/2006 Materialidade  
Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia  
ISBN 85-7762-023-9

1. Artes - Estudo e ensino 2. Litogravura 3. Aquarela 4. Katz, Renina I.  
Frange, Lucimar Bello Pereira II. Martins, Mirian Celeste III Picosque, Gisa  
IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

**MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA**

**Organização:** Instituto Arte na Escola

**Coordenação:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Projeto gráfico e direção de arte:** Oliva Teles Comunicação

**MAPA RIZOMÁTICO**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Concepção:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Concepção gráfica:** Bia Fioretti

**O LIRISMO DE RENINA KATZ**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Autor deste material:** Lucimar Bello Pereira Frange

**Revisão de textos:** Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

**Diagramação e arte final:** Jorge Monge

**Autorização de imagens:** Ludmilla Picosque Baltazar

**Fotolito, impressão e acabamento:** Indusplan Express

**Tiragem:** 200 exemplares

## DVD

O LIRISMO DE RENINA KATZ

## Ficha técnica

**Gênero:** Documentário com depoimentos da artista.

**Palavras-chave:** Poética da materialidade; suporte; procedimentos tradicionais; séries; diálogo com a matéria; desenho; aquarela; litogravura; reprodutibilidade; cor.

**Foco:** **Materialidade.**

**Tema:** O percurso de criação de Renina Katz, sua poética e referências, influências e sua maneira de desenhar e gravar.

**Artistas abordados:** Renina Katz, Axl Leskoschek, Cézanne, Velázquez, Rubens, Ticiano, e o arquiteto e professor Flávio Motta.

**Indicação:** A partir da 5ª série do Ensino Fundamental.

**Direção:** Sarah Yakhni.

**Realização/Produção:** Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

**Ano de produção:** 2002.

**Duração:** 23'.

**Coleção/Série:** *O mundo da arte.*

## Sinopse

Renina Katz marca gestos sobre papéis e sobre pedras litográficas – desenha e grava, neste documentário. A artista comenta sua trajetória pelos desenhos, aquarelas, litogravuras e xilogravuras, enfrentando e construindo diferentes materialidades. Discorre sobre sua vida e influências – artistas e movimentos. Fala sobre cores e transparências, sobre desenhos e atos de desenhar: “quando começo a pensar, desenho um esboço estrutural, incorporo acasos... atenção e concentração... para ir além do projeto inicial”. Ela nos mostra como desenha e as maneiras de se realizar uma litogravura, desde as primeiras marcas do gesto, até a impressão e finalização da gravura.

## Trama inventiva

O atrito do olhar sobre a obra recai no estranho silêncio da matéria. Somos surpreendidos. Matérias são pele sobre a carne da obra. Pigmento. Lã de aço. Lâminas de vidro e metal. Tecido. Plástico. Ferro. Terra. Pedra. Não importa. A matéria, enfeitada pelo pensar do artista e sua mão obreira, vira linguagem. No reencontro dos germes da criação, a escuta da conversa das matérias desvela o artista e sua intenção persistente, cuidadosa e de apuramento técnico: o conflito da fusão, as confidências das manchas, o duelo entre o grafite preto e a candura do papel, a felicidade arredondada do duro curvado. Na cartografia, este documentário se aloja no território da **Materialidade**, surpreendendo pelos caminhos de significação: a poética da matéria.

## O passeio da câmera

A câmera nos leva à experiência artística de Renina Katz, convidando nosso olhar a se envolver no seu diálogo com o papel, a pedra e a aquarela, além das imagens que são também inquietações sociais, culturais, estéticas e estésicas.

Renina nos fala de seus desenhos em cadernos e cadernos, em folhas e folhas, muitas séries para posteriores gravuras. São recorrentes os temas: a cidade e a paisagem. Diz ela, “a paisagem é, ao mesmo tempo, um lugar e um espaço”. Para o seu doutorado, realiza o álbum *Lugares* (paisagens urbanas). A cor e a transparência são constâncias no seu discurso visual, sendo a litogravura, a gravura mais pictórica “... trabalho a transparência em cima de outra e de outra...”<sup>1</sup>.

Acompanhar o documentário nos leva às superposições em sua obra, à densidade de gestos e ritmos, em camadas e camadas e camadas, à percepção de gestos anteriores e posteriores, gestos superpostos, que criam uma quase arqueologia de traços, de linhas e de marcas de um corpo sobre uma superfície fazendo ver um tempo da observação, um tempo da atenção e

da concentração, um tempo da construção de materialidades, um tempo da criação de sua obra.

O documentário impulsiona para proposições pedagógicas no território da **Materialidade**, focaliza a poética e a singularidade das materialidades, suportes, ferramentas e procedimentos técnicos. Outros territórios também podem ser percorridos como *Processo de Criação* (a poética pessoal, o diálogo com a matéria, cadernos de desenho, incorporação dos acasos, as séries); *Linguagens Artísticas* (desenho, aquarela, litogravura, gravura em metal, xilogravura, serigrafia, computação gráfica); *Forma-Conteúdo* (cor – relações, valores cromáticos, opacidades e transparências, temáticas sociais, arte e vida, paisagens; lugares); *Conexões Transdisciplinares* (história do Brasil, política); *Formação: Processos de Ensinar e Aprender* (atitude de vida, produção teórica, artista-professora); *Saberes Estéticos e Culturais* (realismo social, artista e sociedade, reprodutibilidade), entre outros aspectos.

## Sobre Renina Katz

(Rio de Janeiro/RJ, 1926)

O domínio dos meios e as questões instrumentais, os problemas de desenho, cor e organização de espaço, o rigor observado em cada detalhe e a integridade da artista são conhecidos; falar da importância da professora e de sua personalidade generosa não acrescentaria muito ao que já se conhece de Renina. (...) A obra de Renina é um permanente encontro e confronto com o mundo atual... transforma-se em modo de ser, em modo de deixar aparecer uma visualidade preexistente... Artista e professora adquirem nesse ponto absoluta identidade. Renina ensina a perguntar; portanto, a fazer nascer...

Pedro Luiz Pereira de Souza<sup>2</sup>

Renina Katz, carioca-paulistana, é gravadora, litógrafa, aquarelista, pintora, ilustradora e professora. Suas influências “povoam a sua formação: Cézanne, Velázquez, Rubens, Ticiano, artistas do Renascimento, do Barroco, do Rococó, os impressionistas, os expressionistas, para os quais foi sempre muita atenta”.

É presença na formação de Renina, o gravador e professor Axl Leskoschek que faz relações entre a xilogravura e a didática. Mais do que a técnica, o professor lhe ensinou atitudes.

Muitas das primeiras gravuras são de cunho realista: “são, no mínimo, denúncias”, diz a artista. As realizadas em 1951 mostram o grande êxodo dos nordestinos para São Paulo e, para construí-las, Renina trabalha na Estação do Norte. Ensina no Museu de Arte de São Paulo – Masp, preparando professores e alunos para o curso de Arquitetura e de Belas Artes. Trabalha no curso que, mais tarde, gera a Fundação Armando Álvares Penteado – Faap/SP.

Renina realiza *Lugares*, mostrando um conhecimento sensível da paisagem. As litogravuras da tese<sup>3</sup>, seus estágios e fases levantam hipóteses de sensibilidades presentes nos homens, demonstrando um olhar agudo sobre as paisagens da e na cidade.

**Renina “aquareliza” papéis e grava aquarelando cores e transparências. “A cor está sendo encarada como valor de construção e não como acessório estetizante ou simbólico<sup>4</sup>”. Nesse sentido, a cor é um dos elementos formantes, um constituinte, e não apenas um elemento composicional. “A mão sabe da cor”, escreve Carlos Drummond de Andrade, no poema *A mão*. Israel Pedrosa diz: “o homem inicia a conquista da cor ao iniciar a própria conquista da condição humana<sup>5</sup>”.**

Para obter as superfícies translúcidas de seu trabalho, Renina grava até cinco matrizes e aplica oito cores, o que significa várias impressões para obter uma única gravura<sup>6</sup>, ou seja, são muitos os enfrentamentos para construir uma materialidade poética. Interessa-se pelo pensamento gráfico, pelo domínio de linguagem e pelo conhecimento da técnica. Mais uma vez, Renina afirma a processualidade para que se efetive uma matéria conseguida e construída. Sobre a artista, Leonor Amarante<sup>7</sup>, crítica de arte, diz:

o roteiro de experimentações, traçado sem pressa, fez emergir, além de novas técnicas, a elaboração de um pensamento artístico rigoroso que começou no Rio dos anos 40 e 50. Ao longo dos anos, o estudo acumulado se consolidou em aquarelas, xilogravuras e litogravuras.

Para Renina, “no processo criativo, o artista trabalha muito – antes, durante, depois”, ela deixa claro que a “arte trabalha com fronteiras do homem, do que ele percebe, do que ele é capaz de expressar”. A obra é o artista, muito mais do que apenas





Renina Katz - *Lábaro*, 2000

Nesse gesto de desenhar, nesse encontro do lápis com o papel, há uma rivalidade da delicadeza. O papel com seu grão e sua fibra é matéria branca, macia; o lápis com seu grafite é matéria negra, dura. E o que faz o desenhista? Gaston Bachelard<sup>9</sup> responde:

Aproxima duas matérias; empurra suavemente o lápis preto em direção ao papel. Nada mais. A coesão do grafite é então solicitada à adesão pelo papel imaculado. O papel é despertado de sua candura, despertado de seu pesadelo branco.

Na penetração de átomos do carbono do grafite nos poros do papel, o espaço do desenho é ativado. O negro é apenas passagem para o branco, que antes dele não era nada, coisa neutra, algo que não significava. O lápis, o papel, aproximação de duas matérias, criam uma tensão no empenho de fixar o gesto de desenhar.

**O desenho gera a litogravura; arte que se faz trabalhando a pedra, matéria porosa, e, cujo traço sempre é expressivo e flexível, pela natureza do lápis suave, matéria oleosa que desliza traços gordurosos que podem perder-se algumas vezes num murmúrio de sombras e, outras vezes, aprofundá-las até o negro puro dos silêncios.** Nesse diálogo do artista com a matéria, a solidez da pedra lhe faz a promessa de que o bom trabalho de hoje fará o bom amanhã: o processo de impressão no papel. Porém, explica Renina<sup>10</sup>:





Renina Katz - *Sem título*, década de 80

À medida que você vai fazendo as provas [impressão] vão surgindo as sugestões. Acasos imprevisíveis que você tem que incorporar. Então, sempre vai surgir ali alguma coisa que vou aproveitar e que não estava prevista. (...) Você vai ajustando e vai ajustando, aí tem um momento em que, realmente, amarra a imagem definitivamente. Essa é a matriz-mãe. A partir dessa, então, é que você pode fazer a multiplicação, quando ela realmente está pronta! Aí nasce a descendência. (...) A gravura-mãe é aquela que passou por todas as provas e, de repente, reúne tudo o que precisava.

Nesse processo, amarrar a imagem definitivamente exige dar-lhe temporalidade: um tempo poético - o tempo de retenção de cada momento da imagem durante o processo de impressão. Esse tempo é

explicitado em cada momento único da arte de gravar. O inerte reage. Potencializa-se. Nesse instante da matéria e do olhar do artista é que as imagens atingem e revelam dinamismos da materialidade. Na pedra, cada marca gravada se preenche de sentido, todo vazio registra movimentos que demarcam lugares, espaços poéticos, vãos que se abrem em profundidade, em aprofundamento.

Ao dar cor à matriz é que o artista imprime cor às texturas. A cor não colore a gravura, a embalsama. **Para obter as superfícies translúcidas, típicas em suas obras, Renina grava muitas matrizes e aplica várias cores, realizando diversas impressões para obter uma única gravura. Integrando-se à materialidade da dinâmica de gravar, a poética da cor faz a pedra recomeçar a germinar:** “branco a tingir-se de verde, marrom, cinza” nas paisagens-gravura da artista.

A poética da litogravura parece, assim, ter uma coisa aproximativa com os processos da aquarela e da pintura feita sobre papel. A aquarela possui, na fluidez, a sua principal qualidade. Da vontade líquida da água associada ao pigmento nasce a leveza material da transparência, geradora da sutil luminosidade da cor. Diz Alberto Kaplan<sup>11</sup> :

Através dos tempos, a aquarela tem sido utilizada com as mais variadas aparências. Não falamos de técnicas, mas de posturas. Assim, desde a pintura rupestre, que nada mais era do que pigmento, aglutinante e água, passando pelos egípcios e persas, a aquarela foi tecendo sua história. O advento do papel desencadeia uma sucessão de escolas em que as aguadas orientais, as iluminuras medievais e, no período romântico, a escola inglesa da aquarela, vão somando-se ao impressionismo e, mais tarde, à aquarela expressionista, para transformar a própria história da arte.

Transformações de matérias pelo desejo de artistas que pensam *materialmente* suas obras e deixam nelas as marcas de suas poéticas pessoais. Na sutileza de tons e gestos, na subjetividade desvelada, Renina Katz dá a elas um sensível lirismo.

## O passeio dos olhos do professor

Você pode ir construindo seu diário de bordo a partir de andanças nas imagens móveis, nas falas, nas inter-relações. Como sugestão, oferecemos uma pauta do olhar para sua leitura do documentário.

- Quais sensações o documentário desperta em você?
- Renina faz as seguintes colocações: “Acredito na possibilidade de multiplicar, sou contra a escassez”; “O meu trabalho acontece num colóquio permanente”. Quais relações você estabelece entre essas falas e o processo de criação da artista?
- O documentário mostra um poema que Carlos Drummond de Andrade oferece à Renina. Quais diálogos podem ser provocados entre a leitura verbal do poema e a leitura visual dos desenhos e gravuras de Renina?
- Renina faz muitos desenhos com a caneta esferográfica. No documentário, vemos, por exemplo, os estudos para a série:

*O vermelho e o negro.* Como você pode, a partir dessas imagens, desencadear uma investigação sobre a materialidade da caneta esferográfica?

- Há outros momentos do documentário que contribuem para você abrir um estudo sobre a poética da materialidade na litografia, na aquarela?
- Qual dos três blocos do documentário foi mais atraente para você? Por quê? E para seus alunos, do que você imagina que eles mais gostarão no documentário?
- O documentário lhe faz perguntas? Sobre o que você gostaria de pesquisar?
- O que seus alunos já conhecem sobre gravura? Quais contribuições a experiência artística de Renina pode trazer aos seus alunos?
- Quais focos de trabalho você acredita que o documentário suscita?
- Como o documentário poderia ser exibido aos seus alunos? Partindo de qual bloco?



## Percursos com desafios estéticos

O documentário permite trilhar diferentes territórios da arte e da cultura. Escolhemos percorrer o território da **Materialidade**, porém a proposta é que você, a partir do documentário e do seu mapa potencial, possa construir suas próprias proposições pedagógicas, recriando os percursos de modo que atrele os interesses e as necessidades dos alunos. Como desafios estéticos, oferecemos proposições que convidam para a experimentação, para a pesquisa, para o aprofundamento de conceitos.



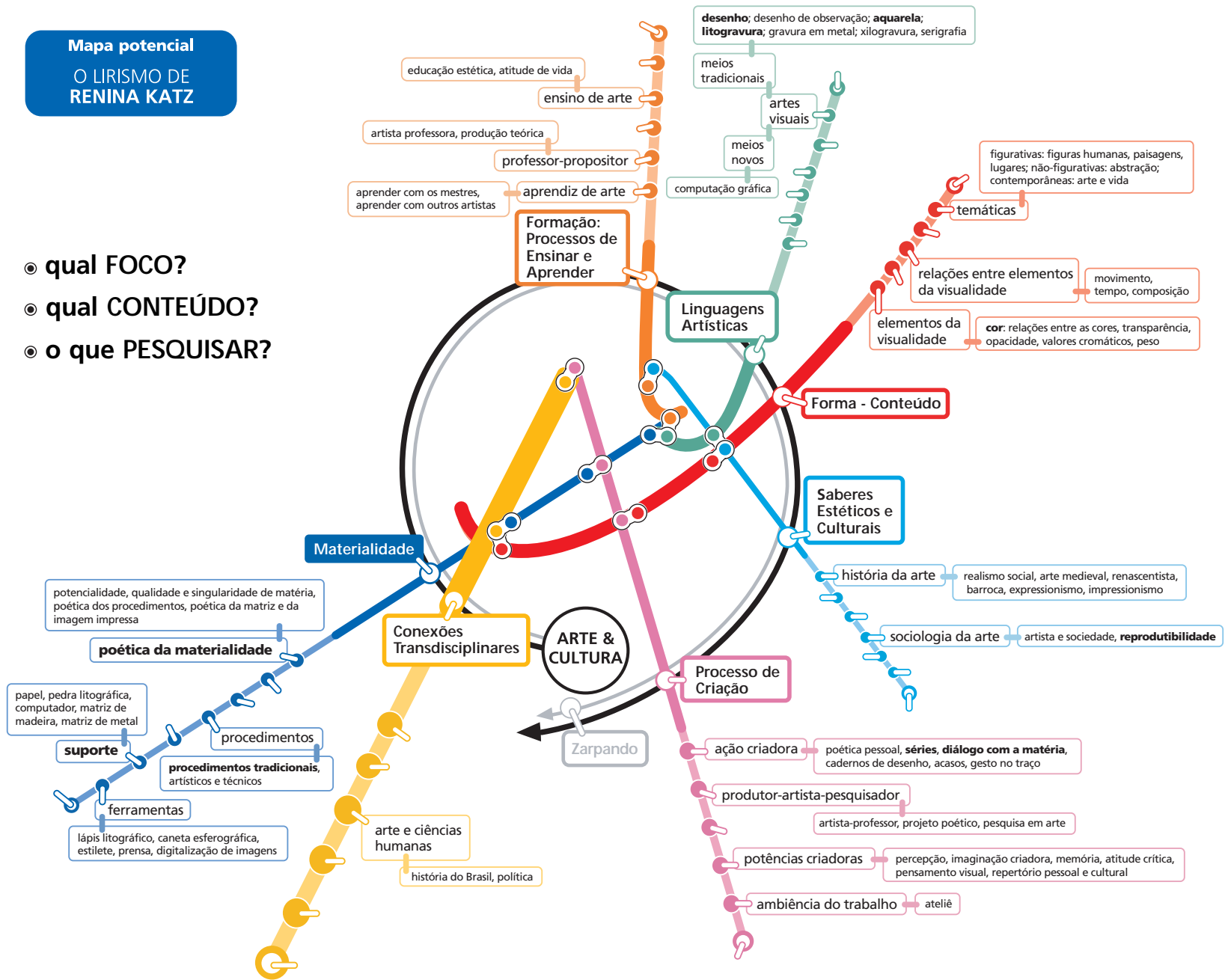
## O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- O que os alunos sabem sobre litogravura? Como imaginam que essa linguagem da arte é trabalhada? O nome informa sobre isso? Conversando com os alunos sobre essas questões, faça um levantamento das hipóteses que vão surgin-

**Mapa potencial**  
O LIRISMO DE  
RENINA KATZ

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



do. Depois, o documentário pode ser exibido, começando pelo segundo bloco, no momento em que a artista explica o que é e como são os procedimentos da litografia. Após a exibição, o que eles descobriram sobre a litogravura? O que desejam saber mais? Como eles percebem o diálogo entre a materialidade da pedra – matéria dura – e o deslizar do lápis suave – matéria oleosa? Por que é necessário combinar esses materiais para realizar a litogravura?

- Renina fala de cadernos de anotações e desenhos soltos em dezenas de pastas. Como a frase de Renina: “o artista trabalha antes, durante, depois” é interpretada pelos alunos? Para eles, os artistas fazem rascunhos ou esboços de suas obras? Qual a diferença? A conversa sobre essas questões pode aguçar o olhar dos alunos para o primeiro bloco do documentário, naquele momento em que Renina mostra seus cadernos de anotações. Após a exibição, o que surpreende os alunos? Que novas relações eles estabelecem entre a frase de Renina que foi discutida e as imagens do documentário?
- Os alunos, das janelas da sala de aula ou de um lugar da escola, podem ler visual e verbalmente as paisagens, a cidade, os lugares que se fazem ver desse espaço. O que os textos visuais e verbais revelam? Como é a paisagem, a cidade, os lugares olhados, para cada aluno? Instigando uma conversa sobre a produção, o documentário pode ser exibido a partir do segundo bloco, quando Renina apresenta seu álbum *Lugares* (paisagens urbanas). Como os alunos interpretam a fala da artista: “a paisagem é, ao mesmo tempo, um lugar e um espaço”?
- “Eu sempre gostei de desenhar como criança”, diz Renina Katz. Numa roda de conversa, veja o que os alunos gostam de desenhar e com quais materiais. Proponha que façam desenhos com canetas coloridas, canetas esferográficas, hidrocor. Desenhos com muitas manchas, muitos traços isolados e/ou superpostos, muitas marcas pessoais, gestos longos ou rápidos, leves ou soltos, firmes ou densos.... Converse sobre a produção realizada e problematize as di-

ferências de resultados a partir de muitas matérias com o mesmo material, a caneta. Em seguida, exiba o documentário. Como os alunos percebem os materiais e as linguagens utilizadas por Renina. Quais materiais e linguagens eles ainda não conhecem?

## Desvelando a poética pessoal

As leituras do documentário e os estudos das obras da artista permitem continuidades de conversas e de leituras de imagens: a arte se faz... e se faz ver... e se permite ler... as imagens da artista e dos alunos nos fazem pensar e pensar...

Do documentário, podem ser lembradas a cidade e as paisagens reninianas e, num segundo momento, podem ser criadas as paisagens alunianas (dos alunos) e nelas explorar as construções de matérias com os diferentes materiais.

Os alunos podem desenhar, por exemplo, com canetas esferográficas sobre papéis brancos:

- a paisagem retrospectiva (das memórias e lembranças) e a paisagem prospectiva (aquela que se quer preservar e manter);
- a paisagem que vai ser, não a fotográfica, mas a construída a partir da observação e da criação;
- a paisagem-país ou as paisagens dessas diversidades brasileiras;
- a paisagem que somos na paisagem que habitamos, as externas, as internas, as que vivemos e com elas, com-vivemos;
- a paisagem humana que habita em nós...

As poéticas pessoais e coletivas dos alunos, tanto verbais quanto visuais, podem ser bastante ampliadas, a partir de Renina Katz e do poema de Drummond.

Outros trajetos podem ser ativados, para que se construam imagens. Converse com os alunos e incentive-os a criar propostas a partir das considerações abaixo:

- a cor, segundo Leonor Amarante, é o fio condutor de toda a produção de Renina. O preto, para Renina, a atrai pelo

desdobramento da luz. O documentário mostra as diferenças entre cores e tonalidades em desenhos, aquarelas e litogravuras; luzes e opacidades; translucidez de tintas e de pensamentos;

- “a linha é contorno, é carne, é ossatura... a linha empresta o contorno ao mundo, caminha pela superfície das coisas... A linha positiviza a ausência, é sempre afirmativa”<sup>12</sup>;
- a aquarela é cor e pigmento, tensão e leveza;
- a litogravura é marca-gesto-desenho que permite, pela multiplicidade, a socialização da arte<sup>13</sup>;
- a materialidade nos diversos discursos visuais de Renina e dos alunos.

## Ampliando o olhar

- De Carlos Drummond de Andrade<sup>14</sup> para Renina Katz:

Paisagem: Como se Faz / Esta paisagem? Não existe. Existe espaço vacante, a semear / da paisagem retrospectiva.

A presença da serra, das imbaúbas / das fontes, que presença?  
Tudo é mais tarde / Vinte anos depois, como nos dramas.

Por enquanto o ver não vê: o ver recolhe / fibrilhas de caminho, de horizonte,  
e nem percebe que as recolhe / para um dia tecer tapeçarias  
que são fotografias / de impercebida terra visitada.

A paisagem vai ser. Agora é branco / a tingir-se de verde, marrom, cinza,  
mas a cor não se prende a superfícies,  
não a modela. A pedra só é pedra / no amadurecer longínquo.  
E a água deste riacho / não molha o corpo nu:  
molha mais tarde. / A água é um projeto de viver.

Abrir porteira. Range. Indiferente. / Uma vaca-silêncio. Nem a olho.  
Um dia este silêncio-vaca, este ranger / baterão em mim, perfeitos,  
existentes de frente, / de costas, de perfil,  
tangibilíssimos. Alguém pergunta ao lado: O que há com você?  
E não há nada / Senão o som-porteira a vaca silenciosa.

Paisagem, país / feito de pensamento da paisagem,  
na criativa distância espacitempo, / à margem de gravuras, documentos,  
quando as coisas existem com violência / mais do que existimos: nos povoam  
e nos olham, nos fixam. Contemplados, / submissos, delas somos pasto,  
somos a paisagem da paisagem.

O poema nos permite muitas entradas, muitos caminhos, muitas trilhas... Uma delas pode ser pela paisagem. Num outro viés, podemos substituir a palavra “paisagem urbana” por “a cidade”, ou ainda, por “lugares” e, nisso, percorrer olhares pelos desenhos e gravuras de Renina, aquietando-os ou questionando esses espaços de criação. Cada palavra é percurso ampliado, é uma e são muitas conexões.

- © Lia Chaia, na exposição *Com que corpo eu vou?* (2002), no Espaço de Artes Unucid, apresenta o vídeo *Desenho-Corpo* (2001). A artista desenha sobre seu próprio corpo com uma caneta esferográfica vermelha até a tinta acabar. O corpo transforma-se em alvo de expressão, assim como o suporte. Ao longo de 51 minutos, nosso olhar se deixa levar pela tatilidade, percebendo os gestos e o corpo; as linhas e a cor; os desenhos e as marcas; o tempo e o espaço; a pessoa e o lugar da arte; a matéria tinta-caneta no corpo da artista e a relação entre materialidade e “suporte”. As tatilidades, tanto nessa obra, quanto nas litogravuras de Renina, podem ser lembradas, associadas, relacionadas, diversificadas... Buscas podem ser feitas por uma “certa tatilidade visual” nas materialidades da aquarela, do desenho, da gravura, da pintura...
- © Poderão, ainda, fazer dialogar as paisagens reninianas, as alunianas com os desenhos realizados sobre o tema: “A cidade em que você vive e a cidade que você gostaria de construir”, um projeto realizado em Uberlândia entre 2001 e 2002. Foram feitos dois mil oitocentos e trinta três desenhos por pessoas dos 3 aos 80 anos, mostrando suas maneiras de “responder” à provocação desenhante. Sobre o projeto, consulte na DVDteca Arte na Escola, o documentário *Desenhos Cidades Desejos*.
- © Quais as diferenças entre desenhos produzidos com lápis litográfico, aquarelas, litogravuras, serigrafias e produções realizadas no computador? O documentário pode ser novamente exibido para que se possam perceber as especificidades de cada linguagem e a sua materialidade.



## Conhecendo pela pesquisa

- Axl Leskoschek é um artista-professor que transita entre a xilogravura e a didática, o que os alunos podem descobrir sobre esse artista e sua influência na formação de Renina? Você pode mostrar aos alunos obras desses dois artistas, fazendo comparação entre as semelhanças e as diferenças dos percursos imagéticos e matéricos.
- Renina Katz, os artistas por ela citados, os indicados nesse estudo, os trabalhos dos alunos provocam a investigação, cujas produções e conceituações devem ampliar conteúdos problematizados. Podem ser temas de pesquisa: Cézanne; Ticiano; Velázquez; Rubens; impressionismo, movimento do século 19, cujo nome provém de uma pintura exposta por Claude Monet: *Impressão: nascer do Sol*, (1984); expressionismo, movimento de cores fortes e “distorções” nas imagens. Os efeitos construídos por esses artistas, com os materiais escolhidos por eles, revelam quais relações entre estruturas de pensamentos visuais e a trajetória de Renina?
- Quais percursos visuais e verbais podem ser pesquisados a partir do texto de Roberto Pontual<sup>15</sup> sobre a obra de Renina?

... não são paisagens evidentes, formas que se decifram logo no primeiro olhar, mas memórias, resíduos, restos esparsos de elementos naturais que não são cotidianos. Sóis, matas, mares, nuvens, chuvas, ventos, pedras, escarpas, vertentes e horizontes são oferecidos à nossa vista apenas como sugestões, possibilidades de ser, indícios geralmente longínquos. Há uma constante pulsação nessas litografias, entre o lírico e o dramático: o acúmulo de detalhes dilui o aspecto compacto da imagem e a encaminha para a leveza: ou então, os contrastes vivos entre áreas chapadas e áreas de grafismo estimulam situações de alta voltagem visual.

- Habitualmente, o papel sulfite é usado na escola e, algumas vezes, o canson. Uma pesquisa sobre o papel na arte e seus diferentes tipos para a experiência artística é um modo dos alunos conhecerem melhor esse material. O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP, realizou a exposição *O papel da arte* (2000). Uma visita ao site dessa exposição pode ser um bom começo.

- © A primeira geração de grandes gravadoras desenvolveu-se no Rio de Janeiro, entre os anos 40 e 50, e os nomes de Edith Behring, Fayga Ostrower (ambas já falecidas) e Renina Katz constituem o que o historiador da arte, Geraldo Edson de Andrade, chama de “matriarcado da gravura no Brasil”. No Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, uma segunda geração de numerosas e ruidosas gravadoras se formou e se afirmou, conquistando prêmios nacionais e internacionais: Anna Letycia, Maria Bonomi<sup>16</sup>, Anna Bella Geiger, Isabel Pons, Ruth Bess, Marília Rodrigues, Vera Mindlin e Thereza Miranda. Novas gerações de mulheres gravadoras foram surgindo, dentre elas: Iole Di Natale, Luise Weiss, Helena Freddi, Salete Mulin e Laurita Salles. O que os alunos podem descobrir sobre essas mulheres gravadoras?
- © Para Renina Katz, o amigo Flávio Império escreveu:<sup>17</sup>

aqua  
 rela  
 o papel  
 “estrangeiro”  
 e cor  
 lore  
 “estrangeira” passagem  
 além paisagem.

O poema pode gerar uma pesquisa que estabeleça uma relação de leitura intrínseca do verbal e do visual: as obras de Renina entendidas como textos visuais, as falas como textos verbais e o documentário como texto sincrético. “Ler, perdeu sua condição de consumo passivo de um produto para tornar-se uma atuação. Arte é texto. É comentário sobre o tempo e a vida, que torna o corpo da escritura... Arte é hieróglifo, forma que cala sentido e sensibilidade.”<sup>18</sup>

### **Amarrações de sentidos: portfólio**

Os alunos podem construir Cadernos de desenhos – portfólios – como os de Renina, e conversar sobre eles, em grandes rodas, convidando os pais para essa conversa ampliada e acrescida de visões e pensamentos. Também podem ser discutidas todas as ações realizadas, desde as primeiras sugestões.

Seria oportuno visitar sites sobre livros de artistas e pensar no tema: “As muitas PaisagensCidades em Uma PaisagemCidade”, em Renina, em cada um e em todo o grupo, após as “trocas conversantes” propostas acima. Podem ser realizadas, inclusive, conversas sobre materiais e materialidades, construídas por artistas e pelos alunos, explorando os modos como eles nos tocam e nos fazem ver uma densidade cromática e de relações estruturantes nas obras de arte.

## Valorizando a processualidade

A avaliação é permanente, ocorrendo durante todas as etapas pelas quais os alunos fazem suas trajetórias estéticas e estésicas, são atitudes, como afirma Renina Katz, de antes... durante... depois... momentos complementares entre si que permitem ousadias, abastecimentos e desafios.

Ver e ler o documentário, depois dos percursos realizados, amplia a percepção da obra reniniana, assim como os trabalhos alunianos.

## Glossário

**Cor** – elemento de visualidade de grande apelo visual. As relações entre as cores criam um contexto colorístico que determina o valor exato de cada cor. Cada nova relação cria novo contexto que implica na percepção de tonalidades (mais claras ou mais escuras, mais ou menos saturada), das temperaturas cromáticas (quentes e frias), de tensões espaciais (cores que se expandem, se aproximam, se afastam, contrastam entre si). Assim, a cor sempre dependerá do conjunto em que é vista, ou seja, a mesma cor pode definir o espaço de maneiras diferentes. Fonte: OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

**Litogravura** – a litografia (*lithos* = pedra e *graphein* = escrever) é criada no ano de 1796 por Alois Senefelder. Executada sobre pedra calcária ou chapa de zinco quimicamente preparada, como base de uma matriz, na qual a imagem é gravada com substâncias oleosas (tinta ou lápis litográfico), que impermeabilizam a superfície. Assim desenhada, a superfície recebe um banho de goma-arábica e ácido nítrico, que deixa a parte sem desenho com mais facilidade para absorver água e rejeitar a tinta oleosa, que é passada com um rolo sobre a matriz, aderindo apenas onde há desenho. A pedra então é colocada na prensa litográfica, estampando a imagem. Fonte: KATZ, Renina. Algumas informações sobre a técnica da litogravura. In: \_\_\_\_\_. *Renina Katz*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 251-257. (Artistas da USP, 6 ).

**Livro de artista** – também chamado de livro-arte, tem o livro como referente, mesmo que remotamente. Assim, ele pode não ser um livro propriamente dito, podendo ganhar o estatuto de escultura ou objeto. É uma manifestação da arte contemporânea. Fonte: SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

**Papel** – feito a partir de trapos ou de plantas (amoreira, bambu, arroz), o papel é inventado pelos chineses no começo de nossa era. A partir do século 8, os árabes o introduzem na Europa, onde substitui aos poucos o pergaminho. Nessa época, o papel é feito de trapos triturados e reduzidos a uma pasta. Só no século 19, os processos técnicos permitem utilizar madeira, reduzida a aparas e, depois, à pasta, nas fábricas de papel. Fonte: MARCHAND, Pierre (org.). *A criação da pintura: tintas, pincéis e superfícies: a história do material artístico*. São Paulo: Melhoramentos, 1994. (As origens do saber).

## Bibliografia

AMARAL, Aracy (org.). *Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1984.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. (Travessia do século).

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1991.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1994.

CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

DERDYK, Edith. *Linha de costura*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

*GRAVURA: arte brasileira do século XX*. Apres. Ricardo Ribenboim. Textos Leon Kossovitch, Mayra Laudanna, Ricardo Resende. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 2000.

KAPLAN, Alberto. *Aquarela brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Light, 2001.

KATZ, Renina. *Renina Katz*. São Paulo: Edusp, 1997. (Artistas da USP, 6).

\_\_\_\_\_. *Renina Katz: litografias*. Apres. Flávio Império. Brasília: Galeria Paulo Figueiredo, 1984.

OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker, 2004.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: L. Christiano, 1982.

## Seleção de endereços sobre design e arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 02 maio 2006.

EXPRESSIONISMO. Disponível em: <[www.historiadaarte.com.br/expressionismo.html](http://www.historiadaarte.com.br/expressionismo.html)>.

GRAVURA. Centro de Pesquisa/Unicamp. Disponível em: <[www.iar.unicamp.br/cpgravura](http://www.iar.unicamp.br/cpgravura)>.

KATZ, Renina. Disponível em: <[www.art.bonobo.com-fgsre/ninakatz](http://www.art.bonobo.com-fgsre/ninakatz)>.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.mac.usp.br-acervo-Renina Katz](http://www.mac.usp.br-acervo-Renina%20Katz)>.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.bienalsaopaulo.globo.com](http://www.bienalsaopaulo.globo.com)>.

LITOGRAVURA. Disponível em: <[www.cantogravura.com.br/index.html](http://www.cantogravura.com.br/index.html)>.

PAPEL. Exposição *O papel da arte*. Disponível em: <[www.mac.usp.br/exposicoes/00/papel/index.html](http://www.mac.usp.br/exposicoes/00/papel/index.html)>.

## Notas

<sup>1</sup> KATZ, Renina. *Renina Katz*, p. 31.

<sup>2</sup> KATZ, Renina. *Renina Katz*: litografias. Apres. Pedro Luiz Pereira de Souza. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1989.

<sup>3</sup> Ver ABRAMO, Radhá. Lugares: um gráfico sensível da paisagem. In: KATZ, Renina. *Renina Katz*, p. 115-117.

<sup>4</sup> CANONGIA, Ligia. In: KATZ, Renina. *Renina Katz*, p. 124-125.

<sup>5</sup> PEDROSA, Israel, *Da cor à cor inexistente*, p. 37.

<sup>6</sup> MORAES, Angélica de. In: KATZ, Renina. *Renina Katz*, p. 146.

<sup>7</sup> AMARANTE, Leonor. In: KATZ, Renina. *Renina Katz*, p. 9.

<sup>8</sup> IMPÉRIO, Flávio. Renina. In: KATZ, Renina. *Renina Katz*: litografias.

<sup>9</sup> BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*, p. 53.

<sup>10</sup> Citado por REA, Silvana. *Transformatividade*: aproximações entre psicanálise e artes plásticas: Renina Katz, Carlos Fajardo, Flávia Ribeiro. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000, p. 77-78.

<sup>11</sup> KAPLAN, Alberto. *Aquarela brasileira*, 2001, p. 4.

<sup>12</sup> DERDYK, Edith. *Linha de costura*. n. p.

<sup>13</sup> AMARAL, Aracy. A experiência dos clubes de gravura. A experiência de São Paulo. In: \_\_\_\_ (org.). *Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*, p. 187-188.

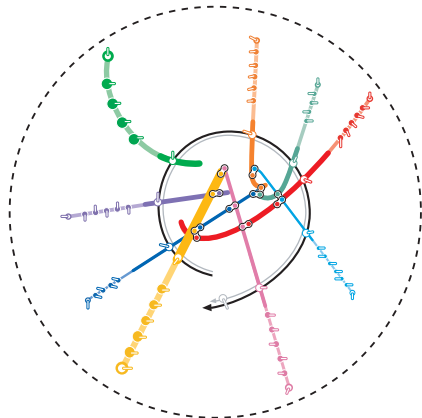
<sup>14</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. "tema – a cidade / paisagem / lugares". In: KATZ, Renina. *Renina Katz*, p. 245-247.

<sup>15</sup> PONTUAL, Roberto. In: KATZ, Renina. *Renina Katz*, p. 73-75.

<sup>16</sup> Consulte na DVDteca Arte na Escola, o documentário sobre Maria Bonomi e outros gravadores.

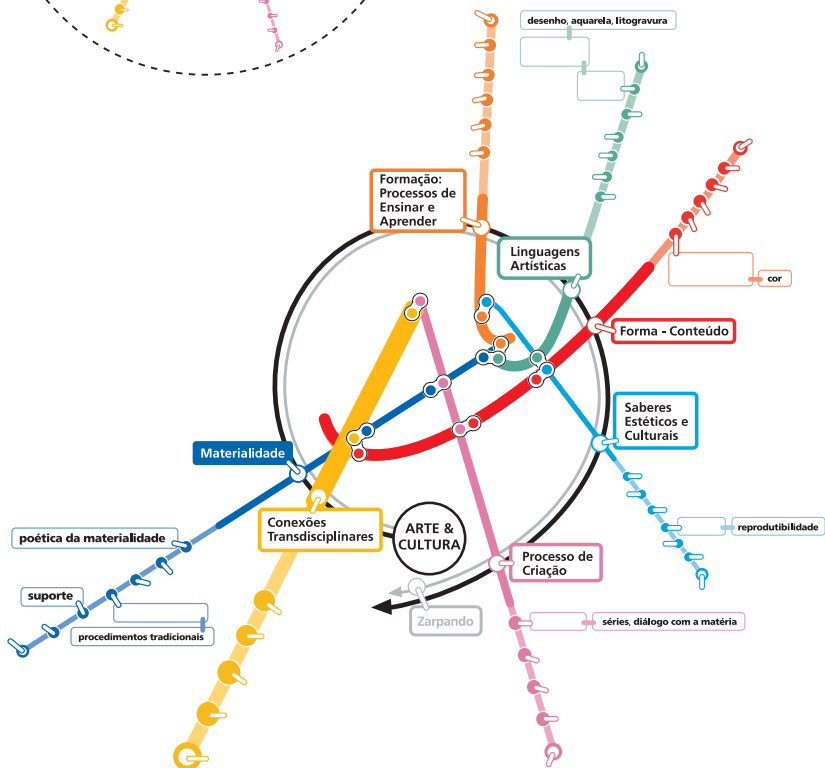
<sup>17</sup> IMPÉRIO, Flávio. In: KATZ, Renina. *Renina Katz*: aquarelas. São Paulo: Múltipla Galeria de Arte, 1987.

<sup>18</sup> SARUP, Marion apud CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*, p. 37.



## Mapa potencial

### O LIRISMO DE RENINA KATZ



Patrocínio



FUNDAÇÃO  
IOCHPE

Organização



[www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br)